

— INTRODUÇÃO —

O termo pulsão (*Trieb*, no original alemão) surgiu na obra de Freud pela primeira vez nos *Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade*, em 1905. Referências à sua existência, entretanto, podem ser encontradas em textos anteriores sob “*expressões como ‘excitações’, ‘idéias afetivas’, ‘impulsos anelantes’, ‘estímulos endógenos’, e assim por diante*”.¹ Expressões estas utilizadas para descrever a excitação interna a que o organismo está constantemente submetido e da qual não pode escapar, considerada como “*o fator propulsor do funcionamento do aparelho psíquico*”.² Em 1915, um artigo voltado à descrição do conceito e de suas características foi publicado com o título de *Os Instintos e Suas Vicissitudes*.

Fugindo a uma das grandezas dos escritos de Freud, o conceito de pulsão traz consigo certa obscuridade, o que torna difícil seu entendimento e leva a diferentes discussões no campo psicanalítico. Com vista em considerações apresentadas no texto *Sobre o Narcisismo: Uma Introdução*, dentro da própria obra freudiana a teoria das pulsões passou por alterações significativas quando, em 1920, com a publicação de *Além do Princípio de Prazer*, Freud introduziu o conceito de pulsão de morte e modificou o dualismo pulsional que apresentara cinco anos antes. Um texto que, segundo Ernest Jones, Freud teria escrito não tendo “*em mente outro público que não ele mesmo*”.³

Em vista de sua complexidade e da importância que o conceito de pulsão tem para a teoria psicanalítica — representando um dos “*três grandes eixos da teoria freudiana da sexualidade*”, junto aos conceitos de libido e de narcisismo⁴ —, este trabalho se propõe a apresentar um estudo sobre sua evolução na obra de Freud, sem deixar de apontar algumas das discussões que surgiram a seu respeito. Ainda que não seja seu objetivo primeiro, alguns

¹ FREUD, 1996, vol. XIV, p. 120.

² LAPLANCHE, 2001, p. 395.

³ JONES, 1989, vol. 3, p. 269.

⁴ ROUDINESCO, 1998, p. 628.

comentários críticos e visão pessoal poderão ser encontrados no decorrer do trabalho. Ao final, um exemplo clínico tentando aplicar o conceito de pulsão à prática psiquiátrica.

— CONCEITO E CARACTERÍSTICAS DA PULSÃO —

O termo alemão utilizado por Freud, *Trieb*, ao ser traduzido para o inglês como *Instinct* acabou por proporcionar algumas confusões e diversas discussões terminológicas entre os psicanalistas. Nas *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira*, tradução da versão em inglês, o termo é inicialmente apresentado como “pulsão” já no primeiro parágrafo dos *Três Ensaio*s, mas é posteriormente substituído por “instinto” nos textos que envolvem o tema — o mesmo pode ser observado quanto ao termo *Verdrängung*, que surge primeiro como “recalque” e depois como “repressão”.

No Volume I das obras que traduziu, James Strachey apresentou em suas *Notas Sobre Alguns Termos Técnicos Cujas Tradução Requer Explicação* uma justificativa sobre sua opção pelo termo *Instinct* dizendo que, ainda que o autor tivesse usado o termo para designar conceitos diversos, “*não é da competência do tradutor tentar classificar e fazer distinção entre os diferentes usos que Freud fazia da palavra [Trieb]. Essa tarefa seguramente pode ser delegada ao leitor*”.⁵ No artigo *Os Instintos e Suas Vicissitudes*, Strachey completou essa justificativa inicial dizendo que “*a palavra ‘instinto’, de qualquer maneira, não é empregada [ali] no sentido que [parecia naquele] momento ser o mais corrente entre os biólogos. Mas Freud assinala, no decorrer desse artigo, o significado que atribui à palavra assim traduzida*”.⁶ Mesmo com essas explicações, sua tradução tornou-se vítima de críticas por parte dos psicanalistas que não a aprovaram. Ainda que o termo “instinto” esteja sendo mal empregado na tradução de *Trieb*, como o próprio Strachey assinalou, ao ler os textos psicanalíticos não ficam dúvidas quanto ao significado que Freud lhe atribuiu no original

⁵ FREUD, 1996, vol. I, pp. 31 e 32.

⁶ FREUD, 1996, vol. XIV, p. 117.

alemão. É possível que tantas discussões possam dizer mais sobre a dificuldade em se entender a teoria das pulsões do que realmente apenas sobre uma questão terminológica.

O próprio Freud utilizou três termos para se referir à pulsão ao longo de seus trabalhos: além de *Trieb*, pode-se encontrar seus sinônimos em alemão *Instinkt* e *Drang*. Entretanto, a tradução daquele termo por “instinto” só guardou em si um de seus vários significados — quais sejam: força interna que impele ininterruptamente para a ação; tendência, inclinação; **instinto, força biológica inata**; vontade intensa, ânsia, impulso; broto, rebento de vegetais —, perdendo assim sua característica fundamental de “*força poderosa e irresistível que impele*’ [...] *algo que se manifesta dentro do sujeito*”, ou seja, a idéia de um impulso.⁷

Exceto nas citações *ipsis verbis* das obras que utilizam “instinto” como a tradução de *Trieb*, neste trabalho o termo adotado será “pulsão” por seu “*mérito de pôr em evidência o sentido de impulsão*”.⁸

Ao escrever seu artigo *Os Instintos e Suas Vicissitudes*, Freud falou inicialmente sobre o desenvolvimento teórico do conceito de pulsão ao lado da observação psicanalítica e afirmou que, para avançar em seu conhecimento, não seria possível considerá-lo uma definição rígida. Talvez estivesse, assim, denunciando sua insatisfação com o que tinha a apresentar naquele momento e, de certa forma, antecipando que futuras modificações ocorreriam na teoria das pulsões.

Fez, então, a diferenciação entre os estímulos externos e as pulsões: estas atuam “*sempre como um impacto constante*”, vindo “*de dentro do organismo*”, não nos permitindo escapar de seu estímulo. Caracterizou-as como uma “*necessidade*” que só poderia ser eliminada pela “*satisfação*”, alcançada apenas “*por uma alteração apropriada*”

⁷ HANNS, 1996, pp. 339 e 340.

⁸ LAPLANCHE, 2001, p. 394.

(‘adequada’) da fonte interna de estimulação”.⁹ Chamou a atenção para a observação de que o sistema nervoso, baseado num “princípio de constância” — então igualado ao “princípio de prazer” —, buscaria manter-se livre de estímulos ou reduzi-los ao mínimo possível; um trabalho dificultado por não ser possível escapar das exigências pulsionais, necessitando, então, realizar mudanças no mundo externo para alcançar satisfação. Assim, considerou que as pulsões “constituem as verdadeiras forças motrizes por detrás dos progressos que conduziram o sistema nervoso, com sua capacidade ilimitada, a seu alto nível de desenvolvimento atual”.¹⁰

Assim como fizera em 1905 ao apresentar o conceito pela primeira vez nos *Três Ensaio*s, em *Os Instintos e Suas Vicissitudes* Freud pôde destacar a ligação entre o psíquico e o somático ao situar as pulsões na fronteira entre essas duas instâncias. Neste artigo, descreveu a pulsão “como o representante psíquico dos estímulos que se originam dentro do organismo e alcançam a mente, como uma medida da exigência feita à mente no sentido de trabalhar em consequência de sua ligação com o corpo”.¹¹ Essa similaridade inicial entre a pulsão e seu representante psíquico foi posteriormente abandonada, passando ela própria a ser considerada como algo não-psíquico. Desta forma, além de não poder se tornar consciente, a pulsão seria, no inconsciente, representada por uma idéia ou um afeto: “se, por um lado, a pulsão representa psiquicamente as excitações emanadas do interior do corpo, por outro lado ela é representada pelos seus representantes psíquicos”.¹²

Embora os termos “objeto sexual” e “alvo sexual” já tivessem sido introduzidos no primeiro dos *Três ensaios* — e definidos, respectivamente, como “a pessoa de quem provém a atração sexual” e “a ação para a qual a pulsão impele”, esta descrita mais à frente como “a supressão [de um] estímulo orgânico”¹³ —, foi também no artigo sobre *Os Instintos e*

⁹ FREUD, 1996, vol. XIV, p. 124.

¹⁰ FREUD, 1996, vol. XIV, p. 126.

¹¹ FREUD, 1996, vol. XIV, p. 127.

¹² GARCIA-ROZA, 2001, p. 118.

¹³ FREUD, 1996, vol. VII, pp. 128 e 159.

Suas Vicissitudes que Freud descreveu as quatro características fundamentais das pulsões: pressão (*Drang*), finalidade (*Ziel*), objeto (*Objekt*) e fonte (*Quelle*). A pressão foi ali descrita como a força exercida pela pulsão sobre o aparelho psíquico, seu fator motor, tenha ela um alvo passivo ou ativo. A finalidade — também chamada de alvo, meta ou objetivo — é a satisfação da pulsão, de forma passiva ou ativa¹⁴, através da eliminação do estímulo existente em sua fonte, o que pode ocorrer através de caminhos alternativos e mesmo de forma parcial. O objeto é o meio pelo qual e/ou no qual a pulsão busca chegar à sua finalidade; sendo ele altamente variável, sua escolha se faz com base na história do indivíduo e na sua adequação em proporcionar satisfação à pulsão. A fonte de uma pulsão — que Freud também já havia definido nos *Três Ensaios* — foi apresentada como “*o processo somático que ocorre num órgão ou parte do corpo, e cujo estímulo é representado na vida mental por um instinto*”, não tendo necessariamente que ser reconhecida com exatidão por poder ser inferida a partir de sua finalidade — a fonte é o corpo erógeno, que será descrito a seguir.¹⁵

— AS PULSÕES PARCIAIS E A NOÇÃO DE APOIO —

Duas noções fundamentais apresentadas por Freud nos *Três Ensaios* dizem respeito às “pulsões parciais” e às “zonas erógenas”, intimamente relacionadas entre si e com a noção de apoio. A primeira referência às pulsões parciais ocorreu de forma indireta, ainda no primeiro ensaio, quando Freud se referiu às perversões como sendo de “*natureza composta*”, o que considerou “*um indício de que talvez a própria pulsão sexual não seja uma coisa simples, mas reúna componentes que voltam a separar-se nas perversões*”.¹⁶ Algumas páginas adiante, o termo surge pela primeira vez juntamente com a referência inicial às zonas erógenas.

¹⁴ Numa nota de rodapé acrescentada aos *Três Ensaios* em 1915, Freud destaca que “*a pulsão é sempre ativa, mesmo quando estabelece para si um alvo passivo*” (FREUD, 1996, Vol. VII, p. 207).

¹⁵ FREUD, 1996, vol. XIV, pp. 127 e 128.

¹⁶ FREUD, 1996, vol. VII, p. 154.

Freud destacou que as diferenças entre as propriedades específicas das duas classes pulsionais consideradas por ele naquele momento seriam marcadas pela relação das pulsões “com suas *fontes somáticas e seus alvos*”. Sendo a fonte considerada como “*um processo excitatório num órgão*”, aquele que originasse excitações de caráter sexual seria considerado “*a ‘zona erógena’ da pulsão parcial que parte dele*”.¹⁷

Estudando a sexualidade infantil e descrevendo as fases da organização da libido, Freud estabeleceu que a satisfação inicial das pulsões sexuais, então parciais, ocorreria como consequência de seu apoio nas pulsões de autoconservação. A princípio, as pulsões parciais apresentariam, como característica essencial, apenas a sua pressão (*Drang*) e não teriam uma fonte, um objeto ou uma finalidade. Apoiando-se numa pulsão de autoconservação, determinada pulsão parcial poderia satisfazer-se pela primeira vez, descobrindo, assim, uma fonte — a zona erógena, presente em qualquer parte do corpo, inclusive nos órgãos internos — e um objeto para que essa finalidade pudesse ser atingida novamente. Em seguida, as duas classes de pulsões se separariam e a pulsão parcial buscaria repetir sua satisfação sexual não mais através do objeto que serviria à autoconservação, mas através do auto-erotismo, um período em que não existiria ainda objeto total na fantasia a ser investido, de modo que a pulsão se satisfaria no próprio corpo, lutando por atingir sua finalidade através da “*consecução do ‘prazer de órgão’*”.¹⁸

Após apresentar essa descrição inicial, Freud concluiu sobre “*as três características essenciais de uma manifestação sexual infantil. Esta nasce apoiando-se numa das funções somáticas vitais, ainda não conhece nenhum objeto sexual, sendo **auto-erótica**, e seu alvo sexual acha-se sob o domínio de uma **zona erógena***”. Mais à frente, completou essas características dizendo que, nessa fase inicial da vida sexual de uma criança, “*suas pulsões parciais [são] inteiramente desvinculadas e independentes entre si em seus esforços pela*

¹⁷ FREUD, 1996, vol. VII, p. 159.

¹⁸ FREUD, 1996, vol. XIX, p. 131.

obtenção de prazer”. Para que as pulsões parciais pudessem passar pela experiência inicial de satisfação e, a partir daí, buscar repeti-la, inicialmente através do auto-erotismo, no segundo dos *Três Ensaio*s, Freud voltou a destacar a importância do apoio dizendo ser “*lícito esperarmos que a natureza tenha tomado medidas seguras para que essa vivência não fique entregue ao acaso*”.¹⁹

Laplanche criticou a concepção que leva “ao pé da letra” essa apresentação de Freud, considerando-a uma “*interpretação pobre do apoio*” e chamando a atenção para o fato de que, através dela, facilmente cairíamos no erro de “*uma espécie de paralelismo genético entre os dois tipos de pulsões, [...e] haveria poucas intervenções de um dos processos no outro, salvo no que se refere ao desencadeamento, logo no nível da ‘fonte’*”. Descreveu, então, o funcionamento autoconservador como aberto e relacionado com o mundo externo, de modo que a relação da pulsão parcial não ocorreria apenas com a pulsão de autoconservação, mas também com o objeto externo responsável pela satisfação pulsional: “*o objeto é tomado em conjunto incluindo implicitamente o outro corpo, não só como um corpo que fornece o leite, mas também como calor, como nidificação, como suporte*”. Laplanche destacou, assim, a corrente de ternura presente nos cuidados que a criança recebe, em geral, da mãe e que seria capaz de determinar o surgimento de uma excitação sexual: “*é na interação da ternura que desliza, que se insinua a ação inconsciente do outro [...e é essa mensagem inconsciente do outro] que vem criar ali, no seu lugar de impacto sobre o corpo e o comportamento da criança, o ponto de partida do apoio*”.²⁰ Esta observação pode ser reforçada por um trecho dos *Três Ensaio*s em que Freud falou sobre a excitação das zonas erógenas através dos cuidados oferecidos pela mãe que assiste e “*contempla a criança com os sentimentos derivados de sua própria vida sexual: [...] com todas as suas expressões de ternura, ela está despertando a pulsão sexual de seu filho e preparando a intensidade posterior desta*” ainda

¹⁹ FREUD, 1996, vol. VII, pp. 172, 173 e 186.

²⁰ LAPLANCHE, 1997, pp. 42, 43, 54 e 60.

que, em sua ação, exista a tentativa de não oferecer aos genitais da criança excitações além daquelas atribuíveis aos cuidados que lhe são necessários, pois “a pulsão sexual, como bem sabemos, não é despertada apenas pela excitação da zona genital; aquilo a que chamamos ternura um dia exercerá seus efeitos, infalivelmente, também sobre as zonas genitais”.²¹

Talvez seja justamente aquela primeira concepção, criticada por Laplanche, a responsável pela advertência que Garcia-Roza deixou a seus leitores sobre o risco de sermos conduzidos “à hipótese de uma determinação biológico-anatômica da pulsão” pela ênfase concedida à sua fonte somática. Este autor ainda esclareceu que “a pulsão se **apóia** no instinto não para confundir-se com ele, mas para desviar-se dele. A pulsão é fundamentalmente uma perversão do instinto [...ou seja] ela se desvia de seu objetivo natural que é a autoconservação”.²² Garcia-Roza, entretanto, pecou por exagero ao apresentar, em outro local, o que seria sua visão pessoal sobre a noção de apoio, desqualificando sua importância dentro da teoria das pulsões: “não vejo como justificar o conceito de **Anlehnung** [apoio], a não ser como fruto de um compromisso empirista de Freud com a ciência da época e como um resquício de naturalismo nos primórdios de sua construção”.²³ Mas deixou um destaque, em outro trabalho, que pode corrigi-lo ao escrever que “a noção de **apoio** não deve ser considerada como sem importância, [...pois] é ela a chave para a compreensão do conceito de pulsão”, concluindo que “o apoio marca não a continuidade entre instinto e pulsão, mas a descontinuidade entre ambos”, ou seja, aponta justamente para a diferença entre os dois conceitos.²⁴

A noção de apoio e sua importância na teoria das pulsões não foram esquecidas por Freud e referências ao tema não se limitaram à obra de 1905. Em seu artigo *Sobre o Narcisismo: Uma Introdução*, voltou ao assunto quando descreveu a escolha de objeto por apoio, também chamada tipo de escolha anaclítico ou de ligação, reforçando a visão que

²¹ FREUD, 1996, vol. VII, p. 211.

²² GARCIA-ROZA, 1999, pp. 15 e 16.

²³ GRACIA-ROZA, 1990, p. 14.

²⁴ GRACIA-ROZA, 2001, p. 120.

apresentou nos *Três Ensaios*. Destacou, assim, que “os primeiros objetos sexuais de uma criança são as pessoas que se preocupam com sua alimentação, cuidados e proteção”, ou seja, sua mãe ou seus substitutos, que lhe prestariam os primeiros cuidados na infância.²⁵ Na idade adulta, “o encontro do objeto é, na verdade, um reencontro”.²⁶

Voltando à descrição do funcionamento das pulsões parciais na criança, na tentativa de concluir sobre o caminho por elas percorrido, torna-se necessário falar de forma sucinta sobre as fases de organização da libido. Em 1913, Freud introduziu o termo “organização pré-genital” para descrever o momento em que “a unificação das pulsões [parciais] é então encontrada na predominância de uma atividade sexual ligada a uma zona erógena determinada”, englobando as fases oral, anal e fálica, que antecedem a fase genital.²⁷ Esta, atingida na puberdade, após o período de latência, tem como características a confluência das pulsões parciais em direção a um novo alvo sexual, colocando-se a serviço da função reprodutora, e a subordinação das zonas erógenas ao primado da zona genital, representando, assim, a plena organização da libido. A fase oral foi descrita como a primeira organização rudimentar da pulsão sexual, mostrando-se marcada pelo erotismo oral; a ela, segue-se a fase anal — a primeira descrita por Freud em seus trabalhos —, onde predomina o erotismo anal. Uma terceira fase foi identificada por volta de 1923 e se mostrou muito próxima à organização genital, diferenciando-se desta por só reconhecer o genital masculino, o falo, sendo chamada, então, de fase fálica.

— O PRIMEIRO DUALISMO PULSIONAL E AS VICISSITUDES DAS PULSÕES —

Como já assinalado, em 1915 Freud dedicou um artigo ao estudo das pulsões, passando a descrever o conceito que havia introduzido em 1905. Em seu novo trabalho, além do conceito, apresentou as características e os destinos das pulsões e revelou, de forma mais

²⁵ FREUD, 1996, vol. XIV, p. 94.

²⁶ FREUD, 1996, vol. VII, p. 210.

²⁷ LAPLANCHE, 2001, p. 329.

direta, sua visão dualista entre as pulsões sexuais e as pulsões de autoconservação, o que já havia mencionado em 1910, no pequeno artigo *A Concepção Psicanalítica da Perturbação Psicogênica da Visão*, onde introduziu o termo “pulsões do ego”.

Ainda nos *Três Ensaio*s, destacou a importância da pulsão sexual na formação dos sintomas neuróticos, chamando a atenção para aqueles componentes considerados como perversos²⁸, e fez menção à sua primeira concepção sobre a existência de um dualismo pulsional. Em *Os Instintos e Suas Vicissitudes* descreveu sua hipótese dizendo que as neuroses de transferência seriam o resultado do conflito existente entre os “*dois grupos de instintos primordiais: os instintos do ego, ou autopreservativos, e os instintos sexuais* [...] ou seja,] *entre as exigências da sexualidade e as do ego*”.²⁹ Como destacou Kusnetzoff, “*essa oposição permite compreender uma referência maior: a conservação do indivíduo — pulsões de autoconservação — versus a conservação da espécie — pulsões sexuais*”.³⁰ Em seus estudos, Freud associou as pulsões de autoconservação ou pulsões do ego ao processo secundário de funcionamento psíquico, sendo regidas pelo princípio de realidade, e estabeleceu as relações das pulsões sexuais ao princípio de prazer e ao processo primário.

Neste ponto, torna-se possível interromper as colocações de Freud para apresentar uma instigante posição de Garcia-Roza sobre a pulsão de autoconservação. Em trabalhos que escreveu sobre a complexa teoria das pulsões, este autor questionou se a autoconservação mereceria a denominação de pulsão ou se seria apenas instinto, como quando disse que:

Se a autoconservação implicada nas pulsões de autoconservação é a do ser vivo enquanto tal, elas não se distinguiriam do instinto [...e este] é considerado fundamentalmente como um comportamento preestabelecido, relativamente imutável, que implica caminhos pré-formados visando a um fim específico. Para que as pulsões de autoconservação possam dar conta da vida individual, ela tem que

²⁸ Quanto a isso, Freud escreveu que “os sintomas são a atividade sexual dos doentes [...] um substituto [...] de uma série de processos, desejos e aspirações investidos de afeto, aos quais, mediante [o recalçamento], nega-se a descarga através de uma atividade psíquica passível de consciência”, deixando, em seguida uma de suas frases mais famosas: “*a neurose é, por assim dizer, o negativo da perversão*” (FREUD, 1996, vol. VII, p. 155 e 157).

²⁹ FREUD, 1996, vol. XIV, pp. 129 e 130.

³⁰ KUSNETZOFF, 1982, p. 143.

*manter uma certa fixidez da relação entre a fonte (necessidades biológicas) e o objeto (objeto específico para necessidades específicas), o que contraria a montagem da pulsão feita por Freud em **Pulsões e destinos de pulsão**, onde a fonte é múltipla e inespecífica, o mesmo acontecendo com o objeto.*³¹

Num primeiro momento, seria mesmo possível igualar a pulsão de autoconservação ao instinto. Considerando a noção de apoio, entretanto, poderia-se supor que também essas pulsões saíam modificadas após essa conjugação inicial: assim como as pulsões sexuais puderam receber das pulsões de autoconservação uma fonte, uma finalidade e um objeto, poderiam deixar nestas últimas alguma particularidade que diria respeito à sua própria essência. Desta forma, não só a pulsão sexual passaria, em outro momento — o do autoerotismo —, a buscar a repetição de um prazer vivenciado durante o apoio nas pulsões de autoconservação, como estas passariam a não mais buscar apenas satisfazer uma necessidade vital, mas a qualificar essa satisfação, mesmo que num momento mais tardio — talvez, quando se tornasse possível “nomear” as satisfações já obtidas. Seria, assim, permitido pensar na possibilidade de que seja justamente isso o que torna o ser humano com fome — embora não faminto, porque aí talvez o instinto fale mais alto na busca pela sobrevivência — capaz de escolher seu alimento e não apenas ingerir o que tiver à sua disposição. Essa hipótese não parece afastar a atuação da pulsão sexual em tal escolha, buscando também por satisfação: além desse fator, sua presença seria reforçada por sua marca na pulsão de autoconservação, permitindo — ou seria melhor dizer, “incentivando” — que esta busque por prazer³², ainda que submetida ao princípio de realidade, desde que não se esteja em situações extremas da vida. “Ao contaminar ou ocupar o espaço da pulsão de autoconservação, a pulsão sexual ‘sexualiza’ ou ‘erotiza’ a função a ela ligada, perturbando desse modo, em maior ou menor intensidade, aquela atividade”.³³ Seria possível pensar, assim, a mudança do instinto em

³¹ GARCIA-ROZA, 1995, pp. 108 e 109.

³² Não através do princípio de prazer.

³³ KUSNETZOFF, 1982, p. 144.

pulsão — característica humana —, ainda que a fonte e o objeto não se alterem, exceto qualitativamente. Mas esta seria apenas mais uma hipótese, e muito pouco clara!

Voltando a Freud, posta em evidência sua visão dualista inicial, ele passou a descrever os caminhos a que as pulsões sexuais estariam destinadas³⁴ — especificamente os destinos de seus representantes ideativos. Anteriormente, nos *Três Ensaio*s, chamou a atenção para “*a vergonha, o asco, a compaixão e as construções da moral e da autoridade*” como as forças atuantes na restrição da orientação libidinal e apresentou os três desfechos possíveis à pulsão sexual: a satisfação, o recalçamento e a sublimação.³⁵ No artigo de 1915, passou a descrever as quatro vicissitudes pelas quais poderiam passar as pulsões sexuais ao longo de seu desenvolvimento: uma reversão ao seu oposto, um retorno ao próprio eu (*self*) do indivíduo, a repressão (recalçamento) ou a sublimação — meios de defesa contra a direta e imediata satisfação pulsional, conseqüentes às exigências da censura: “*se por um lado os destinos da pulsão são modalidades de defesa, por outro lado são formas de satisfação*”, mesmo que parciais, marcando o ser humano com a insatisfação.³⁶

Sofrendo uma reversão a seu oposto, a pulsão passaria por uma alteração em sua finalidade, podendo ocorrer uma mudança de atividade para passividade ou uma modificação de seu conteúdo. No caso de um retorno ao próprio eu do indivíduo, a alteração se efetuaria ao nível do objeto, mantendo-se a finalidade da pulsão. Freud destacou que, nos casos onde ocorressem mudanças da atividade para a passividade e naqueles em que houvesse um retorno da pulsão ao próprio eu — transformações que muitas vezes “*convergem ou coincidem [...e que] se acham na dependência da organização narcisista do ego e trazem o cunho dessa fase*” —, nunca seria observada a utilização de toda a quota de energia pulsional, de forma que “*a direção ativa anterior do instinto persiste, em certa medida, lado a lado com sua*

³⁴ A respeito da tradução do alemão *Tribschicksale*, vale ressaltar a colocação de Garcia-Roza onde disse que “*sob certos aspectos ‘vicissitudes’ é ainda melhor que ‘destinos’ porque mantém presente a idéia de errância que é a marca da pulsão, enquanto que ‘destino’ dá a idéia de um caminho preestabelecido*” (GARCIA-ROZA, 1995, p. 118).

³⁵ FREUD, 1996, vol. VII, p. 218.

³⁶ GARCIA-ROZA, 1995, p. 138.

direção passiva ulterior”, descrevendo, assim, o que seria o mecanismo da ambivalência tão presente nas relações de objeto.³⁷ Para tal estudo, utilizou-se dos dois pares de opostos mais conhecidos em sua relação ambivalente: sadismo-masochismo e escopofilia-exibicionismo.

Para sua exposição sobre a mudança no conteúdo da pulsão em seu oposto, Freud falou sobre a transformação do amor em ódio e da ambivalência de sentimentos: “*é impossível duvidar de que exista a mais íntima das relações entre esses dois sentimentos opostos e a vida sexual*”.³⁸ Passou, então, a analisar os três opostos do amor e sua relação com as três polaridades da vida mental, conforme apresentado no quadro abaixo:

TRÊS OPOSTOS DO AMOR	TRÊS POLARIDADES DA VIDA MENTAL
AMAR/ODIAR → INDIFERENÇA	EGO → MUNDO EXTERNO (OBJETO)
AMAR → ODIAR	PRAZER → DESPRAZER
AMAR → SER AMADO	ATIVO → PASSIVO

Na primeira relação, as pulsões sexuais investiriam o ego e seriam, até certo ponto, capazes de satisfação auto-erótica (fase do narcisismo primário) e haveria uma indiferença em relação ao mundo externo no que se refere à satisfação libidinal. O que estaria presente, a princípio, seria um ego-realidade original. Com a distinção entre o que é interno e o que é externo ao indivíduo — pela aquisição de objetos do mundo externo pelo ego, por via das pulsões de autoconservação sujeitas à satisfação através do cuidado prestado por um outro, em geral, a mãe —, o ego-realidade se transforma num ego-prazer purificado e passa a introjetar o que é bom e a projetar o que é ruim, sendo guiado pelo par de opostos amor-ódio: “*logo no começo, ao que parece, o mundo externo, objetos e o que é odiado são idênticos. Se depois um objeto vem a ser uma fonte de prazer, ele é amado, mas é também incorporado ao ego, de modo que para o ego do prazer purificado mais uma vez os objetos coincidem com o que é estranho e odiado*”. Assim, ainda na fase narcisista, num momento em que o objeto

³⁷ FREUD, 1996, vol. XIV, pp. 132, 135 e 137.

³⁸ FREUD, 1996, vol. XIV, p. 138.

estaria se apresentando ao ego e o mundo externo deixando de ser visto com indiferença, o ódio surgido se relacionaria intimamente às pulsões de autoconservação por intermédio do desprazer. Essas duas fases iniciais se encontrariam relacionadas através do narcisismo, mas “quando a fase puramente narcisista cede lugar à fase objetal, o prazer e o desprazer significam relações entre o ego e o objeto” e o ódio a este dirigido, intensificando-se, poderia chegar a ponto de manifestar-se como agressividade contra o objeto, “uma intenção de destruí-lo”. A terceira das “três antíteses, amar-ser amado, corresponde exatamente à transformação da atividade em passividade e pode remontar a uma situação subjacente, [...] a de **amar-se a si próprio**, que consideramos sendo o traço característico do narcisismo”.³⁹

Embora fosse um dos artigos sobre metapsicologia que se perderam, a sublimação pode ser encarada como a vicissitude menos focada nos estudos de Freud, tornando-se um conceito, muitas vezes, de difícil compreensão. Nos *Três Ensaio*s e em seu artigo *Sobre o Narcisismo*, dedicou-lhe um pequeno estudo junto à análise de outros dois mecanismos de defesa, a formação reativa e a idealização. Já naquele primeiro trabalho, Freud caracterizou a sublimação como o resultado do “desvio das forças pulsionais sexuais das metas sexuais [tomando uma] orientação para novas metas”, destacando as aquisições culturais do indivíduo, e completou mais à frente que, através dela, “as excitações provenientes das diversas fontes da sexualidade encontram escoamento e emprego em outros campos, de modo que de uma disposição em si perigosa resulta um aumento nada insignificante da eficiência psíquica”.⁴⁰ Naquele artigo de 1914, definiu-a como “um processo que diz respeito à libido objetal” e considerou-a como sendo “uma saída, uma maneira pela qual [as exigências feitas ao ego por seu ideal] podem ser atendidas **sem** envolver repressão”⁴¹, sendo, pois, um meio de satisfação da pulsão sexual, com seu alvo inibido, através de um novo objeto, então socialmente valorizado: “é como se não houvesse recalçamento da pulsão mas surgisse em

³⁹ FREUD, 1996, vol. XIV, pp. 138, 141 e 142.

⁴⁰ FREUD, 1996, vol. VII, pp. 167 e 225.

⁴¹ FREUD, 1996, vol. XIV, p. 101.

seu lugar um recalçamento do objeto sexual para dar lugar ao objeto sublimado”.⁴² Em 1915, no texto sobre *Os Instintos e Suas Vicissitudes*, Freud atribuiu o processo de sublimação às propriedades presentes nas pulsões parciais de agirem umas pelas outras e serem capazes de mudar de objeto, sendo, assim, “capazes de funções que se acham muito distantes de suas ações intencionais originais”.⁴³ Nasio destacou a importância do narcisismo e do ideal do eu no processo da sublimação, fazendo valer a apresentação de um trecho significativo de seu trabalho:

*O eu [narcísico] primeiro retira a libido do objeto sexual, depois a faz retornar a si e, por fim, destina essa libido a um novo alvo, não-sexual. Como vemos, o alvo inicial da pulsão, que é obter uma satisfação sexual direta, cede então lugar a uma satisfação sublimada [...] graças ao prazer intermediário de gratificação narcísica. [...] Quando afirmamos que os objetos que proporcionam a satisfação sublimada são objetos dessexualizados e sociais, estamos pensando sobretudo no fato de eles corresponderem a ideais sociais que exaltam a criação de novas formas significantes. Esses ideais sociais, interiorizados e inscritos no eu do criador, são parte integrante da formação psíquica fundamental que Freud denomina de ideal do eu. [Assim, esse] ideal desempenha o papel de desencadeador do processo [...e] indica a direção do movimento iniciado [...de forma que] a sublimação da pulsão decerto não é o recalçamento, mas é, não obstante, um cerceamento imposto à atividade pulsional sob a forma de um desvio do curso de seu fluxo para uma satisfação diferente da satisfação sexual. Ora, justamente o elemento que impõe esse desvio não é a censura que reprime, mas o ideal do eu que exalta, guia e encerra a capacidade plástica da pulsão.*⁴⁴

A última vicissitude descrita para as pulsões foi o recalçamento — ou repressão, apenas para citar um termo comumente empregado como sinônimo⁴⁵, inclusive na *Edição Standard Brasileira*. A ele, Freud dedicou um artigo exclusivo, dada a sua importância para a teoria psicanalítica. Considerou-o como resultado das resistências à satisfação pulsional quando sua consecução levaria a uma condição econômica em que o prazer seria suplantado pelo desprazer: “*torna-se condição para repressão que a força motora do desprazer adquira*

⁴² GARCIA-ROZA, 1995, p. 145.

⁴³ FREUD, 1996, vol. XIV, p. 131.

⁴⁴ NASIO, 1997, pp. 85 e 86.

⁴⁵ Garcia-Roza fez questão de marcar, de forma clara em seu texto, a diferença entre os termos “repressão” e “recalque”: “o primeiro se refere a uma ação que se exerce sobre alguém a partir da exterioridade, enquanto que o segundo designa um processo interno ao próprio eu” (GARCIA-ROZA, 1995, p. 165).

mais vigor do que o prazer obtido da satisfação". Descreveu, então, os dois tempos do recalçamento: um recalçamento primário, em que um representante ideativo da pulsão seria impedido de entrar no consciente, mantendo-se inalterado no inconsciente e ligado à pulsão; e um recalçamento propriamente dito, que ocorreria posteriormente e relacionado àquele recalque inicial: *"provavelmente, a tendência no sentido da repressão falharia em seu propósito [...] caso não existisse algo previamente reprimido pronto para receber aquilo que é repellido pelo consciente"*.⁴⁶ Concluiu, no artigo sobre *O Inconsciente*, que *"a repressão constitui essencialmente um processo que afeta as idéias na fronteira entre os sistemas Ics. e Pcs. (Cs.) [...envolvendo] uma retirada da catexia pré-consciente, uma retenção de catexia inconsciente, ou uma substituição da catexia pré-consciente por uma inconsciente"*, trabalho que envolveria um grande dispêndio de energia psíquica atuando como uma "anticatexia" a fim de manter a idéia recalçada afastada do consciente.⁴⁷

Por fim, Freud destacou a importância da "quota de afeto" — o elemento quantitativo ligado ao representante psíquico da pulsão — dizendo que sua vicissitude se mostraria mais importante que aquela relacionada ao representante ideativo: *"se uma repressão não conseguir impedir que surjam sentimentos de desprazer ou de ansiedade, podemos dizer que falhou, ainda que possa ter alcançado seu propósito no tocante à parcela ideacional"*.⁴⁸ Apresentou, assim, três possibilidades para a energia psíquica das pulsões: completa supressão, sem deixar vestígios; manifestação como um afeto qualitativamente colorido, através de um deslocamento; ou transformação em ansiedade.

— O NARCISISMO E O SEGUNDO DUALISMO PULSIONAL —

Embora publicado um ano antes de *Os Instintos e Suas Vicissitudes*, o artigo *Sobre o Narcisismo: Uma Introdução* marca a presença de uma inquietude na teoria das pulsões e,

⁴⁶ FREUD, 1996, vol. XIV, pp. 152 e 153.

⁴⁷ FREUD, 1996, vol. XIV, p. 185.

⁴⁸ FREUD, 1996, vol. XIV, p. 158.

segundo o editor inglês, “*trata-se de um dos mais importantes trabalhos de Freud, podendo ser considerado como um dos fatores centrais na evolução de seus conceitos*”.⁴⁹ Uma vez que a substituição do primeiro dualismo pulsional só se tornaria possível alguns anos mais tarde, a proximidade de uma teoria monista sobre as pulsões com a introdução do conceito de narcisismo — o que se mostrava contrário à posição de Freud frente às idéias de Jung — fez com que esse desvio não fosse destacado nos trabalhos subseqüentes até que pudesse ser apresentada uma segunda visão dualista.

O que o artigo *Sobre o Narcisismo* trouxe, nesse sentido, foi a introdução dos conceitos de “libido do ego” e “libido do objeto” a partir do estudo das chamadas “neuroses narcísicas” — apresentando entre os dois tipos de investimento o que poderíamos considerar um “dualismo intermediário” na teoria das pulsões: “*formamos a idéia de que há uma catexia libidinal original do ego, parte da qual é posteriormente transmitida a objetos, mas que fundamentalmente persiste e está relacionada com as catexias objetais*”. Freud completou dizendo que, durante a fase de narcisismo, as duas formas de energia psíquica, pulsões do ego e pulsões sexuais, existiriam em conjunto e “*somente quando há catexia objetal é que é possível discriminar uma energia sexual — a libido — de uma energia dos instintos do ego*”.⁵⁰

Ora, aparentemente perdeu-se a distinção feita entre as pulsões sexuais e as pulsões de autoconservação ou do ego, uma vez que as duas classes estariam atuando em favor dessa instância e investindo-a. Mas é justamente aí que parece possível manter-se a diferença: a libido investiria o ego enquanto as outras pulsões trabalhariam na busca por sua conservação (a conservação do indivíduo) — e, vale lembrar, as duas classes obedeceriam a dois processos de funcionamento psíquico diferentes, sendo uma guiada pelo princípio de prazer e a outra pelo princípio de realidade. Como descrito acima, a pulsão sexual — que não estaria

⁴⁹ FREUD, 1996, vol. XIV, p. 78.

⁵⁰ FREUD, 1996, vol. XIV, pp. 83 e 84.

diretamente relacionada a uma determinada instância psíquica por ser ela mesma algo não-psíquico⁵¹ — apresentaria inicialmente apenas a sua pressão (*Drang*), adquirindo as demais características a partir do apoio nas pulsões do ego. Parece, então, coerente que, após o período de auto-erotismo, o primeiro “objeto” de investimento libidinal seja o ego, uma instância em desenvolvimento e em estreita ligação com as pulsões de autoconservação. A partir do momento em que surgissem as representações psíquicas dos objetos do mundo externo, a libido, até então investida no ego, passaria a ser também investida nessas representações. A seqüência de investimentos auto-eróticos, narcísicos e objetivos não poderia ser pensada em fases totalmente separadas, mas como um processo que se iniciaria com o auto-erotismo e seguiria num crescendo de possibilidades de investimento — é possível ainda pensar na exclusividade daquela fase inicial como um período extremamente curto no desenvolvimento psíquico da criança, não havendo demora em se **iniciar** a formação do ego, que logo passaria a ser investido:

*Uma unidade comparável ao ego não pode existir no indivíduo desde o começo; o ego tem de ser desenvolvido. Os instintos auto-eróticos, contudo, ali se encontram desde o início, sendo, portanto, necessário que algo seja adicionado ao auto-erotismo — uma nova ação psíquica — a fim de provocar o narcisismo.*⁵²

No que pese tudo isso, Freud se mostrava insatisfeito com o dualismo apresentado entre as pulsões sexuais e as pulsões do ego, chegando a dizer no texto sobre *Os Instintos e Suas Vicissitudes* que esta suposição “*não passa de uma hipótese de trabalho, a ser conservada apenas enquanto se mostrar útil, e pouca diferença fará aos resultados do nosso trabalho de descrição e classificação se for substituída por outra*”.⁵³ Como dito acima, esta insatisfação, que nasceu com seu estudo sobre o narcisismo, manteve-se enquanto não lhe foi possível apresentar um novo dualismo pulsional — já que, segundo Jones, “*Freud era um*

⁵¹ Freud deixou claro que a pulsão é extra-psíquica, mesmo quando **caracterizou o id** — corrigindo-se após ter considerado que seria o ego — **como o reservatório** — e não a fonte — **da libido** — e não de todas as pulsões.

⁵² FREUD, 1996, vol. XIV, p. 84.

⁵³ FREUD, 1996, vol. XIV, p. 129.

dualista obstinado”⁵⁴ —, o que só aconteceu em 1920, com o texto intitulado *Além do Princípio de Prazer*.

Neste trabalho, Freud apresentou um de seus conceitos mais criticados e mal compreendidos, especialmente por sua complexidade e profunda obscuridade, a “pulsão de morte” que, colocada em oposição à “pulsão de vida” — esta englobando as pulsões sexuais e as de autoconservação —, deu origem ao segundo dualismo pulsional. Sem abrir mão de que opiniões contrárias mostrassem melhor embasamento antes de rejeitar sua nova teoria, o próprio Freud reconheceu “*o fato de que o terceiro passo pela teoria dos instintos, por [ele] dado aqui, não pode reivindicar o mesmo grau de certeza que os dois primeiros: a extensão do conceito de sexualidade e a hipótese do narcisismo*”.⁵⁵

Ernest Jones, ao discorrer sobre essa teoria na biografia de Freud, defendeu a idéia de que seríamos “*obrigados a levar em consideração a possibilidade de contribuições subjetivas para seu surgimento, sem dúvida em ligação com o tema da própria morte*”. Assim, descreveu o mestre como aquele que “*parece ter sido mais dominado por pensamentos sobre a morte do que qualquer outro grande homem em que [pudesse] pensar*” e observou que “*sempre que havia algum risco real para sua vida, saudava sua superação*”, destacando, desta forma, a “*dupla atitude ou fantasia [de Freud] em relação à morte*”.⁵⁶

A partir de diversas observações, descritas em *Além do Princípio de Prazer*, Freud percebeu a presença de uma “compulsão à repetição” que o levou a pensar na existência de um princípio que estaria além do princípio de prazer, submetendo-se este àquele, uma vez que as repetições não se referiam a situações prazerosas, mas, antes, penosas e, “*mesmo que não se possa eliminar qualquer vestígio de satisfação libidinal desse processo, o que contribui para torná-lo difícil de observar em estado puro, o simples princípio de prazer não pode*

⁵⁴ JONES, 1989, vol. 3, p. 269.

⁵⁵ FREUD, 1996, vol. XVIII, p. 69.

⁵⁶ JONES, 1989, vol. 3, pp. 280 e 281.

explicá-lo".⁵⁷ Freud esclareceu dizendo que seria possível existir “*na mente uma forte tendência no sentido do princípio de prazer*” que, ainda assim, poderia ser “*contrariada por certas outras forças ou circunstâncias*”; isso se confirmaria com a observação de que “*a compulsão à repetição também rememora do passado experiências que não incluem possibilidade alguma de prazer e que nunca [...] trouxeram satisfação*”. O novo princípio assim percebido em ação não poderia ser o princípio de realidade, pois este se mostra a serviço do princípio de prazer, ainda que atue adiando sua realização — como que escolhendo o melhor momento para que a satisfação ocorra com maior segurança. Notou, então, que a compulsão à repetição seria uma característica inerente às pulsões que, “*quando atuam em oposição ao princípio de prazer, dão a aparência de alguma força ‘demoníaca’ em ação*”, cujo objetivo, em última análise, seria uma tentativa de fazer o organismo vivo retornar a um estado anterior, ao estado inorgânico, de inércia. Freud declarou, então, que seria a morte a finalidade da vida.⁵⁸

Essa nova função conservadora das pulsões se mostrou paradoxal à visão que Freud apresentava da “*pulsão como uma força que impelia o organismo vivo no sentido da mudança e do desenvolvimento*”.⁵⁹ A partir dessa nova perspectiva, seria essencial à pulsão, então, manter, conservar um estado de coisas; a mudança ocorreria em consequência de forças externas que romperiam o equilíbrio inicial, fazendo surgir, assim, a vida: “*um instinto é um impulso, inerente à vida orgânica, a restaurar um estado anterior de coisas, impulso que a entidade viva foi obrigada a abandonar sob a pressão de forças perturbadoras externas*”.⁶⁰ A vida passaria a buscar a restauração daquele equilíbrio, que seria então alcançado com a morte natural do organismo:

É essa tendência inerente a todo ser vivo de retornar ao estado inorgânico que Freud chama de pulsão de morte, enquanto o esforço

⁵⁷ ROUDINESCO, 1998, p. 631.

⁵⁸ FREUD, 1996, vol. XVIII, pp. 19, 31 e 46.

⁵⁹ GARCIA-ROZA, 2001, p. 136.

⁶⁰ FREUD, 1996, vol. XVIII, p. 47.

*para que esse objetivo se cumpra de maneira natural, ele denomina **pulsão de vida**. O objetivo da pulsão de vida não é evitar que a morte ocorra, mas evitar que a morte ocorra de uma forma não-natural. [...] Tanto as pulsões sexuais como as pulsões de autoconservação são consideradas pulsões de vida, já que ambas são conservadoras: as primeiras mantendo o padrão de repetição, isto é, garantindo a mesmidade do organismo; as segundas, preservando o organismo da influência desviante dos fatores externos e garantindo a normalidade do caminho para a morte. [...] Assim, enquanto pulsão de autoconservação, a pulsão de vida é a manutenção do caminho para a morte, mas enquanto pulsão sexual ela garante, através do sêmen germinativo, a imortalidade do ser vivo.*⁶¹

Em 1924, com *O Problema Econômico do Masoquismo*, Freud esclareceu o que já havia sugerido no texto de 1920 quando disse que, se “*não quisermos abandonar a hipótese dos instintos de morte, temos de supor que estão associados, desde o início, com os instintos de vida*”.⁶² Introduziu, então, a noção de fusão e desfusão pulsional ao rever a descrição da relação entre o par de opostos sadismo e masoquismo, observando que haveria um “*amansamento do instinto de morte pela libido*” através da fusão entre as duas classes de pulsão, “*de modo que jamais temos de lidar com instintos de vida puros ou instintos de morte puros, mas apenas com misturas deles, em quantidades diferentes*”. Freud considerou que o masoquismo primário, original, erógeno, seria “*prova e remanescente da fase de desenvolvimento em que a coalescência (tão importante para a vida) entre o instinto de morte e Eros se efetuou*” e que o masoquismo moral “*se torna uma prova clássica da existência da fusão do instinto*”.⁶³ Quanto à desfusão, esta não poderia nunca se efetuar por completo: “*a idéia de uma autonomia completa das pulsões é uma idéia limite análoga à do funcionamento autônomo do princípio de prazer e do princípio de realidade*”.⁶⁴

Mesmo ao considerar a libido e as pulsões de autoconservação como pulsões de vida, parece que Freud mostrou-se tentado a manter parte da idéia presente em seu primeiro dualismo. Assim, afirmando que as pulsões sexuais seriam “*os verdadeiros instintos de*

⁶¹ GARCIA-ROZA, 2001, p. 137.

⁶² FREUD, 1996, vol. XVIII, p. 67.

⁶³ FREUD, 1996, vol. XIX, pp. 181, 182 e 188.

⁶⁴ GARCIA-ROZA, 2001, p. 138.

vida”, considerou que elas “operam contra o propósito dos outros instintos, que conduzem, em razão de sua função, à morte, e este fato indica que existe uma oposição entre eles e os outros, oposição que foi por muito tempo reconhecida pela teoria das neuroses”.⁶⁵ As pulsões de autoconservação estariam atuando no sentido de levar o organismo à morte natural, tentando preservar o indivíduo de forças externas que pudessem atuar contra sua vida. A função da libido estaria na preservação da vida através da busca pela perpetuação da espécie. Freud, então, ponderou:

*A oposição original entre os instintos do ego e os instintos sexuais mostrou-se inapropriada. Viu-se que uma parte dos instintos do ego era libidinal e que instintos sexuais (provavelmente ao lado de outros) operavam no ego. Não obstante, temos justificação para dizer que a antiga fórmula que estabeleceu que as psiconeuroses se baseiam num conflito entre os instintos do ego e os instintos sexuais não contém nada que precisemos rejeitar atualmente. [...] E, em particular, é ainda verdade que as neuroses de transferência [...] são o resultado de um conflito entre o ego e a catexia libidinal dos objetos.*⁶⁶

Seria possível pensar que, no início, aquela pressão (*Drang*), sem fonte, sem objeto e sem finalidade, após receber as influências do meio externo, dividiria-se numa parte quase inalterada, a pulsão de morte — “a tensão que então surgiu no que até aí fora uma substância inanimada se esforçou por neutralizar-se e, dessa maneira, surgiu o primeiro instinto: o instinto a retornar ao estado inanimado”⁶⁷ —, e n’outra que, conforme já exposto, apoiando-se nos “instintos” receberia novas características e atribuiria a eles certa especificidade humana, surgindo, assim, as pulsões sexuais e as pulsões de autoconservação, ou seja, as pulsões de vida. Essas e as pulsões de morte, uma vez que já teriam sido apenas uma, poderiam unir-se e separar-se novamente, tantas vezes quanto lhes fosse necessário e em graus variados. Garcia-Roza falou sobre uma concepção dualística não quanto à natureza das pulsões, mas sim quanto aos modos de ser da pulsão, “o disjuntivo e o conjuntivo”, de forma que “as pulsões, em si mesmas, seriam todas ‘qualitativamente da mesma índole’, como diz o

⁶⁵ FREUD, 1996, vol. XVIII, p. 51.

⁶⁶ FREUD, 1996, vol. XVIII, pp. 62 e 63.

⁶⁷ FREUD, 1996, vol. XVIII, p. 49.

próprio Freud; a diferença entre elas seria dada pelos seus modos de presentificação no aparato anímico".⁶⁸ Este autor utilizou-se de uma metáfora como tentativa para explicar as alterações da pulsão: no vazio da escuridão cósmica, mesmo portando uma potente lanterna, nada poderia ser visto, nem mesmo a luz por ela emitida; entretanto, se um objeto qualquer atravessasse o campo visual, sendo atingido pela luz da lanterna, denunciaria, além de sua própria existência, também a de nossa visão e a do fecho de luz — o objeto seria o seio materno que, *"ao se constituir como figura, constituiu simultaneamente a pulsão como pulsão sexual. [...] A pulsão de morte, na nossa metáfora, seria o próprio foco enquanto não relacionado a um objeto"*.⁶⁹ Assim, a partir de uma pulsão "inespecífica", "originária", surgiriam as pulsões de morte e as pulsões de vida. Conceção esta que apresenta certa semelhança àquela apresentada por Fenichel quando disse que:

*Seria possível agrupar todos os fenômenos que se reúnem na rubrica de instinto de morte não como tipo especial de instinto, mas como expressões de um princípio, válido para todos os instintos; no decurso do desenvolvimento, este princípio se teria modificado no sentido de certos instintos mediante influências externas.*⁷⁰

Aquele ser que se encontra no ventre materno, embora não tenha ainda um aparelho psíquico, já possui o corpo em formação; isto permitiria questionar se a pulsão, como *Drang*, já estaria presente antes do nascimento. Uma vez que Freud considerou a pulsão de morte como aquela responsável pela separação e a pulsão de vida pela união, seria possível pensar, como Ernest Jones, que *"a reunião última anunciada por ele só podia ser a reunião com a mãe, da qual infelizmente fomos separados no início da vida"*.⁷¹

Freud ainda chamou a atenção para o fato de que, após o recalçamento original, *"o instinto reprimido nunca deixa de esforçar-se em busca da satisfação completa, que consistiria na repetição de uma experiência primária de satisfação"*. Entretanto, como já

⁶⁸ GARCIA-ROZA, 1995, p. 162.

⁶⁹ GARCIA-ROZA, 1999, p. 56.

⁷⁰ FENICHEL, 2000, p. 53.

⁷¹ JONES, 1989, p. 277.

apresentado, as possibilidades de satisfação pulsional dependeriam das vicissitudes por que passariam as pulsões, ocorrendo, então, satisfações parciais. Dessa forma, “*a diferença de quantidade entre o prazer da satisfação que é exigida e a que é realmente conseguida, é que fornece o fator impulsionador que não permite qualquer parada em nenhuma das posições alcançadas*” e as pulsões de vida manteriam sua função.⁷²

Garcia-Roza destacou o fato de que, inicialmente, as pulsões de vida e de morte foram apresentadas como duas forças que atuariam em conjunto e que “*é somente em O mal-estar na cultura (1930) que Freud vai afirmar a absoluta autonomia da pulsão de morte [...] então entendida como pulsão de destruição*”. Na diferenciação que estabeleceu entre as duas classes pulsionais, este autor descreveu a pulsão de morte como aquela que estaria para além da “representação-objeto” e da “representação-palavra”, “*fora do aparato psíquico e de suas determinações*”, sendo, portanto, silenciosa. Assim, estando para “*além da representação, além da ordem, além do princípio de prazer, é pura dispersão, pura potência dispersa [...e, com isso] faz jus à afirmação de ser a pulsão por excelência*”. A pulsão sexual foi por ele considerada como aquela que seria “*inerente ao espaço da representação*”, capaz de se expressar na linguagem.⁷³ Em outro momento, concluiu que “*reconhecer uma pulsão destrutiva como algo totalmente independente da sexualidade, era reconhecer a maldade fundamental e irredutível do ser humano*”.⁷⁴

Completando suas avaliações, no texto de 1920 Freud percebeu que, sendo a função da pulsão de morte “*libertar inteiramente o aparelho mental de excitações, conservar a quantidade de excitação constante nele, ou mantê-la tão baixa quanto possível*”, o princípio de prazer se mostraria a serviço daquela pulsão.⁷⁵ Mais tarde, no texto sobre *O Problema Econômico do Masoquismo*, expôs com maior clareza a diferença entre os três princípios que se apresentaram ao longo de seus trabalhos: “*o princípio de Nirvana expressa a tendência do*

⁷² FREUD, 1996, vol. XVIII, pp. 52 e 53.

⁷³ GARCIA-ROZA, 1995, pp. 158 e 159.

⁷⁴ GARCIA-ROZA, 1990, p. 134.

⁷⁵ FREUD, 1996, vol. XVIII, p. 73.

*instinto de morte; o princípio de prazer representa as exigências da libido, e a modificação do último princípio, o princípio de realidade, representa a influência do mundo externo”.*⁷⁶

Em *O Ego e o Id*, de 1923, Freud resumiu sua teoria sobre as duas classes de pulsões com a seguinte frase: *“o surgimento da vida seria, então, a causa da continuidade da vida e também, ao mesmo tempo, do esforço no sentido da morte. E a própria vida seria uma conciliação entre essas duas tendências”.*⁷⁷ Desta forma, seria possível pensar a vida humana como a manifestação do grito de Eros guiado pelo silêncio de Tanatos.

— AS PULSÕES NA PRÁTICA PSIQUIÁTRICA —

Apenas como ilustração e de forma resumida, segue um caso clínico para destacar a presença da pulsão de vida atuando ao lado da pulsão de morte ao longo de uma vida.

Uma paciente, que veio à consulta devido a um quadro depressivo grave, contou a história de sua vida evidenciando uma sucessão de perdas e um freqüente desamparo. Tendo se referido à sua infância apenas como um período de grande sofrimento em razão do tratamento recebido pelos pais, falou de sua juventude como marcada pela tristeza: por ter perdido três namorados que faleceram em acidentes automobilísticos, passou a ser vítima de comentários sarcásticos dizendo que era ela quem os matava. Casou-se com um caminhoneiro, com quem teve quatro filhos e um relacionamento marcado pelas constantes ausências, em vista de sua profissão, e pela atemorizante violência. Contou sobre um tratamento psiquiátrico realizado há aproximadamente 16 anos, inclusive com internação hospitalar, após ter sido impedida pela vizinha de realizar o que denunciava em seus gritos de que ia se matar e matar um dos filhos, então com pouco mais de um ano. Há dois anos, sua filha mais velha foi atropelada por um carro no ponto de ônibus e veio a falecer. Poucos meses depois, outro filho sofreu um acidente parecido e ficou por vários dias sob cuidados

⁷⁶ FREUD, 1996, vol. XIX, p. 178.

⁷⁷ FREUD, 1996, vol. XIX, p. 53.

médicos intensivos. Nesse período, a paciente perdeu o emprego e o marido, que não mais retornou para casa, deixou de ajudar a família. Manifestou, então, sintomatologia depressiva grave, com mínima resposta ao tratamento medicamentoso. O sofrimento tem sido intenso e o clamor pela morte freqüente em seus relatos.

Enquanto Eros grita a caminho da morte, Tanatos se mantém em silêncio preparando a destruição. Como dar forças às pulsões de vida para que amansem essa força diabólica?

— CONCLUSÃO —

Este trabalho tentou demonstrar que, embora Freud tenha reformulado alguns pontos de sua teoria — aqui, especificamente, a teoria das pulsões —, suas idéias não se perderam umas das outras, tornando possível indagar a continuidade das mesmas, ainda que uma nova hipótese tenha surgido na intenção de substituir uma anterior.

Partindo da noção de apoio, passando pelo primeiro dualismo pulsional e pelo conceito de narcisismo até chegar à sua segunda visão dualista, Freud demonstrou um crescimento teórico que, iniciado com observações diretas sobre a vida sexual infantil, culminou com a apresentação de uma hipótese mística, ainda tão pouco compreendida.

Embora como uma contribuição pequena, o caso clínico apresentado veio como uma tentativa de evidenciar a presença das pulsões de vida e de morte na prática psiquiátrica. A Psiquiatria, se não estiver munida de um auxílio ao tratamento farmacológico, tão exaltado atualmente, sem dúvida fracassará em situações semelhantes. A teoria psicanalítica pode ser considerada como uma possibilidade de apoio na assistência a esses casos.

Este estudo não esgotou — nem teve a intenção de esgotar — todas as dúvidas que se fazem presentes sobre tão complexo e, ao mesmo tempo, essencial tema no processo de formação em Psicanálise. Muito pelo contrário! Criou novas, que se juntarão a tantas outras que, inevitavelmente, surgirão ao longo dos anos de atuação como psicanalista.

— REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS —

- FENICHEL, Otto. *Teoria Psicanalítica das Neuroses; O Desenvolvimento Psíquico Inicial; Desenvolvimento dos Instintos, Sexualidade Infantil*. Trad. Samuel Penna Reis. São Paulo: Editora Atheneu, 2000.
- FREUD, Sigmund. *Obras Completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira; Notas Sobre Alguns Termos Técnicos Cujas Tradução Requer Explicação*. Direção Geral: Jayme Salomão. Vol. I. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, Sigmund. *Obras Completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira; Os Instintos e Suas Vicissitudes (1915)*. Direção Geral: Jayme Salomão. Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, Sigmund. *Obras Completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira; Três Ensaio Sobre a Teoria da Sexualidade (1905)*. Direção Geral: Jayme Salomão. Vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, Sigmund. *Obras Completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira; A Concepção Psicanalítica da Perturbação Psicogênica da Visão (1910)*. Direção Geral: Jayme Salomão. Vol. XI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, Sigmund. *Obras Completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira; Sobre o Narcisismo: Uma Introdução (1914)*. Direção Geral: Jayme Salomão. Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, Sigmund. *Obras Completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira; Repressão (1915)*. Direção Geral: Jayme Salomão. Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, Sigmund. *Obras Completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira; O Inconsciente (1915)*. Direção Geral: Jayme Salomão. Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

- FREUD, Sigmund. *Obras Completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira*; O Ego e o Id (1923). Direção Geral: Jayme Salomão. Vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, Sigmund. *Obras Completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira*; O Problema Econômico do Masoquismo (1924). Direção Geral: Jayme Salomão. Vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, Sigmund. *Obras Completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira*; Além do Princípio de Prazer (1920). Direção Geral: Jayme Salomão. Vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. *Acaso e Repetição em Psicanálise: Uma Introdução à Teoria das Pulsões*. 6.ed. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1999.
- GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. *Freud e o Inconsciente*. 18.ed. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2001.
- GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. *Introdução à Metapsicologia Freudiana: Artigos de Metapsicologia, 1914-1917*. Vol. 3. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1995.
- GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. *O Mal Radical em Freud*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1990.
- HANNS, Luiz Alberto. *Dicionário Comentado do Alemão de Freud*. Rio de Janeiro, Imago Ed., 1996.
- JONES, Ernest. *A Vida e a Obra de Sigmund Freud*. Recapitulações Históricas de Alguns Temas: Metapsicologia. Trad. Júlio Castañon Guimarães. Vol. 3: Última Fase (1919-1939). Rio de Janeiro: Imago Ed., 1989.
- KUSNETZOFF, Juan Carlos. *Introdução à Psicopatologia Psicanalítica*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- LAPLANCHE, Jean. *Freud e a Sexualidade: o Desvio Biologizante*. Trad. Lucy Magalhães. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Ed., 1997.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. *Vocabulário da Psicanálise*. Trad. Pedro Tamen. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

NASIO, Juan David. *Lições Sobre os Sete Conceitos Cruciais da Psicanálise*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

ROUDINESCO, Elizabeth; PLON, Michel. *Dicionário de Psicanálise*. Trad. Vera Ribeiro, Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

